



O Papel do Livro na Formação Intelectual da Criança: a Importância do Livro, Antes de Ler

Maria Marta Martins *

Fernanda Leopoldina P. Viana **

Quando se fala no papel do livro no desenvolvimento infantil, é costume referir as vantagens, sobretudo ao nível afectivo, das competências comunicativas promotoras de uma boa inserção social. Embora possivelmente ainda não se tenha dito tudo a esse respeito, não nos cabe, neste momento, a contribuição para o alargamento dessa problemática. Este artigo destina-se, sobretudo, a analisar os contributos de um contacto precoce com o livro, para a formação intelectual das crianças.

Há normalmente a associação entre o gosto por livros e leitura e competência leitora. O «remédio» normalmente prescrito pelos professores para as crianças com baixo desempenho em termos leitores, é: «precisa ler muito». Ora, o que acontece é que normalmente as crianças que gostam de ler, que extraem prazer deste acto, são boas leitoras, lêem com fluência, ritmo, entoação e compreensão. As que não gostam de ler, são normalmente as que «tropeçam» na leitura, as que desconhecem muitas das palavras e construções sintácticas que aparecem nos textos, pelo que não usufruem prazer do acto de ler.

Se queremos que as crianças sejam futuras leitoras, há que providenciar um contacto precoce com o livro, de modo a estimular o desenvolvimento de inúmeras competências básicas para que a aquisição da leitura e da escrita não constitua uma tarefa difícil e penosa para a criança, que a conduzirá à desistência.

Entre os mecanismos intelectuais que condicionam a actividade de leitura, há que des-trinçar desde logo, compreensão perceptiva e compreensão leitora. Para a compreensão perceptiva contribuem a visão e a memória visual, a audição e a memória auditiva. Da primeira dependem a atenção auditiva, a articulação, a organização temporal e o ritmo auditivo. Assim, não só as patologias ligadas à audição e à visão poderão comprometer a aquisição da leitura, como também o treino da atenção e do ritmo que se imprime à leitura visual ou auditiva influenciam a competência leitora.

Deste modo, consideraríamos que é a partir dos dois anos de idade, quando a criança já é capaz de evocar um objecto na sua ausência, e, por isso, é capaz de identificar, numa imagem bidimensional, o objecto tridimensional que conhece da sua experiência

* Docente de Língua Portuguesa e Literatura Infantil no CEFOP/Universidade do Minho.

** Docente de Psicologia do Desenvolvimento no CEFOP/Universidade do Minho.

quotidiana, que estamos perante o momento indicado em que deve ser iniciado o contacto com o livro.

O que é que o livro proporciona, então, a estas crianças, ainda arredadas dos códigos pelos quais se rege a aprendizagem da leitura e da escrita?

O livro de imagens, neste caso, contribui para o desenvolvimento das capacidades perceptivas essenciais ao desenvolvimento cognitivo, como a visão e a memória visual, estimuladas pela atenção visual, pela observação dos elementos que se encontram organizados no espaço e pelo ritmo visual que a criança imprime a estas leituras. Paralelamente, a criança não identifica, apenas, realidades conhecidas, como, sobretudo a partir dos três anos, alarga o conhecimento da sua realidade restrita, e, conseqüentemente, enriquece a sua aquisição lexical, ao contactar com imagens de objectos e de acções que não são pertença da sua experiência quotidiana.

Ao explorar um livro de imagens, a criança entra em contacto com estímulos visuais que vai tentar integrar nos seus conhecimentos prévios. Fará perguntas, ouvirá respostas, alargará o seu léxico, acomodará os novos conhecimentos; ao ser-lhe contada uma história (se bem seleccionada), a criança entrará em contacto com novas formas de dizer, com sentidos semânticos diversos, ouvirá frases sintacticamente correctas e cada vez mais complexas.

Deste modo, o livro promove a capacidade de generalização para situações cada vez mais novas e descontextualizadas, de representações mentais e competências que são construídas em contextos familiares, o que faz com que as crianças alarguem o campo de experiência vivencial. O livro é, também, um factor de democratização social e linguística, permitindo que as crianças alarguem os seus conhecimentos, vivendo mediatizada-mente através do livro, experiências que à partida estariam reservadas apenas às crianças das classes mais favorecidas, quer em termos culturais, quer em termos económicos. Assim, muitas destas competências dependem essencialmente, não do desenvolvimento maturacional infantil, mas da riqueza das interacções de natureza social que se prendem com a quantidade e a natureza das vivências infantis, mediatizadas, quer por via do contacto pessoal, quer por via dos órgãos de comunicação social, em que o livro pode assumir um papel preponderante. Só uma grande quantidade e qualidade de experiências vivenciais conduzem à capacidade de descodificação dos infratextos, presentes, mais tarde, no texto literário e contribuem para a memória e o conhecimento indispensáveis à compreensão leitora. Por outro lado, há que viver situações de comunicação diversificadas e estimulantes, com frequência, para que a competência linguística da criança se desenvolva, não só ao nível da compreensão de mensagens, mas também ao nível da expressão, para que esta, como leitora, possa interagir comunicativamente com o texto.

Na promoção do livro junto da criança, a família desempenha um papel fundamental, na medida em que constitui um modelo por excelência. É necessário que a criança veja os pais a lerem e a discutirem o que lêem; a procurarem informação através da consulta de material impresso (desde folhetos informativos e manuais de instruções ou enciclopédias); a receberem e a produzirem mensagens (bilhetes, cartas, etc.). Deste modo, a criança não só compreenderá a funcionalidade da leitura e da escrita, como desenvolverá atitudes que estimularão a adesão ao material impresso.